



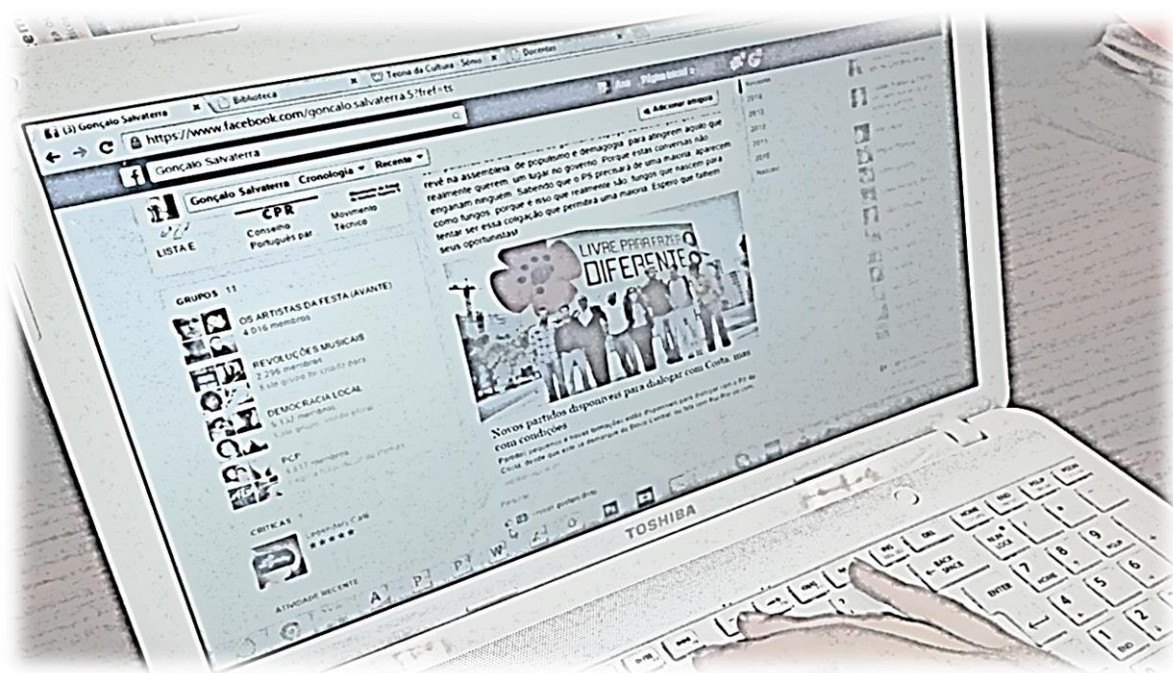
Licenciatura em Ciências da Comunicação

Unidade Curricular: Teoria da Cultura

Docente: Professora Auxiliar Sónia Sebastião

Política de *Likes*

Influência das Redes Sociais na Web e no Ser Humano



Trabalho realizado por:

Ana Gonçalves n.º 214530

Ana Rita Inácio n.º 214521

Eliane Hadergjonaj n.º 214525

Patrícia Mendes n.º 214529

Sofia Coelho n.º 215119

Índice

Introdução	3
1. Enquadramento Teórico	3
2. Descrição Fílmica.....	7
Conclusão	9
Bibliografia	10
Webgrafia	11
Apêndices	12
Ficha Técnica	13
Entrevista a João Labrincha.....	14
Entrevista a Diana Lucas.....	17
Entrevista a Gonçalo Fonseca	19
Autorização do Entrevistado João Labrincha	21
Autorização do Entrevistado Gonçalo Fonseca.....	22
Autorização da Entrevistada Diana Lucas	23
Autorização da Entrevistada Ana Roque.....	24
Autorização da Entrevistada Verónica Bech	25

Introdução

Ao longo deste trabalho pretende-se compreender a importância que as redes sociais digitais exercem sobre o Ser Humano, enquanto Ser participativo na esfera política portuguesa. Este tema despertou o interesse do grupo visto que, à partida, associam-se as redes sociais ao entretenimento, apesar das mesmas estarem também relacionadas com outras vertentes, como a questões de cidadania.

Para tal, foram realizadas entrevistas a dois indivíduos com uma participação política activa *online* e a um activista político, responsável pela organização de vários eventos políticos nas redes sociais, como o Movimento “Geração à Rasca”. Para além disso, o grupo marcou presença na concentração contra o *Transatlantic Trade and Investment Partnership* (TTIP), divulgada no Facebook, onde teve oportunidade de falar com membros da organização e com alguns manifestantes.

Através das entrevistas realizadas, questionou-se a motivação dos cidadãos para a participação política nas redes sociais e a sua posição em relação à discussão política nos restantes meios de comunicação.

1. Enquadramento Teórico

Segundo dados avançados pela Marktest, em 2014, estima-se que existam cerca de **5,5 milhões** de utilizadores de Internet em Portugal. O **Facebook** é a rede social digital mais conhecida e utilizada no país, sendo que **95% dos utilizadores** de redes sociais possuem perfil no Facebook.

A nível mundial, cerca de **40% dos utilizadores** de todas as redes sociais utilizam as mesmas para obter ou partilhar informação política (Smith & Rainie, 2008, segundo Zizi Papacharissi, 2010, p.213). As redes sociais digitais são dominadas pelos **jovens** – entre 75% a 83% dos jovens, entre os 18 e os 24 anos, têm perfil *online*, assegura Zizi Papacharissi (2010, p. 211). Diana Lucas¹ considera importante a

¹ Anexo III – Entrevista dia 28 de Outubro de 2014 à estudante de Direito Diana Lucas.

existência de uma **sociedade activa**, nomeadamente, de jovens activos em termos de cidadania: “eles vão ser os políticos daqui a 20, 30 anos”.

A discussão desempenha um importante papel na aprendizagem política e na formação de comportamentos e atitudes, referiu Zizi Papacharissi (2010, p.188). A Internet é fornecedora de **espaços de discussão** que, assim, possibilitam novas formas de **participação política**, entendida como o “o conjunto de actos e de atitudes que aspiram a influenciar, de forma mais ou menos directa e mais ou menos legal, as decisões dos detentores do poder no sistema político ou em organizações políticas particulares, bem como a própria escolha daqueles, com o propósito de manter ou modificar a estrutura (e, conseqüentemente, os valores) do sistema de interesses dominante” (Pasquino, 2005, p.50).

A Internet e as redes sociais estimulam a participação política ao facilitarem o consumo de conteúdos políticos, através da **redução do custo da procura** de informação política e a conseqüente **partilha** da mesma, de acordo com Zizi Papacharissi (2010, p.188).

Como refere Katz (1992) segundo Zizi Papacharissi (2010, p.188), a discussão política está presente nas redes sociais, levando, por norma, ao aumento do desejo de participar em assuntos políticos, uma vez que a **interacção** com os outros, o **acesso a diferentes opiniões políticas**, ajuda a solidificar opiniões e a estimular um maior envolvimento político. Kitchener & Kushin (2009) acreditam que “as pessoas estão a aproveitar as capacidades das tecnologias digitais para se envolverem em discussões políticas e expressar os seus pontos de vista sobre os assuntos que lhes interessam”. Assim, nas redes sociais, os indivíduos são convidados a proceder à criação de diversos conteúdos, o que lhes permite integrar a chamada “**cultura participativa**” (Caldas, 2011, p. 2).

Algumas das principais **motivações** para a utilização das redes sociais como fonte de informação política são:

Figura 1 - 10 motivações para o uso das redes sociais como fonte de informação política

1. Because it's interesting	4.38
2. Because it is entertaining	4.15
3. To give me something to talk about with others	4.12
4. Because I want to learn something new	3.94
5. To keep up with political issues	3.88
6. Because information is easy to obtain	3.88
7. To be in contact with like-minded people	3.86
8. For ongoing political debates and arguments	3.85
9. To access political information at any time	3.82
10. To enjoy the excitement of an election race	3.79

Fonte – Zizi Papacharissi (2010, p.222)

Tal como os entrevistados Diana Lucas² e João Labrincha³ afirmam, as redes sociais são uma ferramenta importante para que **as pessoas estejam mais informadas sobre política** e para que possam participar de forma mais activa na sociedade. Na verdade, o Mundo tem testemunhado isso mesmo, tal como aconteceu em 2009, quando os iranianos iniciaram protestos através do Twitter, que relatavam as frequentes manifestações políticas que ocorriam no país, como aborda Morozov (2011, p.8).

Esta situação era uma **novidade**. O Irão, antes destes acontecimentos, era um dos países onde o Twitter não tinha grande impacto nem era muito utilizado, de tal forma que a agitação constante em que vivia o país não foi a “história que os meios de comunicação ocidentais escolheram priorizar; ao invés, preferiram reflectir sobre a forma como a Internet foi inaugurando a democracia no país” (Morozov, 2001, p.2). Já McChesney referia que estava previsto que a Internet desempenhasse um papel importante para **“rejuvenescer a democracia”** (2013, p.5).

A necessidade de **participação política** e da **implementação da democracia** no país foram os factores que levaram à maior utilização do Twitter no Irão. Como refere

² Anexo III - Entrevista de dia 28 de Outubro de 2014 à Estudante de Direito Diana Lucas.

³ Anexo II – Entrevista de dia 14 de Outubro de 2014 ao co-fundador do Movimento “Geração à Rasca”.

João Labrincha⁴, as redes sociais assumem um papel importante na **integração dos cidadãos**, sobretudo, para quem vive no interior ou em sítios mais isolados onde não existe tanta diversidade de opiniões. Assim, estes indivíduos, através das redes sociais, perceberam “que existem centenas ou milhares de pessoas pelo Mundo todo que partilham as suas causas, que não estão sozinhos nas suas guerras, e também é uma forma de dar força às pessoas para defenderem os seus ideais”. Para Kitchener & Kushin (2009) a comunicação via Internet serve de **meio para o debate** entre pessoas de opiniões e crenças variadas.

Contudo, as redes sociais acabam também por contribuir para o alastramento de certos **rumores**, como aconteceu no Irão quando surgiu a notícia de que helicópteros da polícia tinham derramado ácido e água a ferver sobre os manifestantes, o que mais tarde se veio a provar não passar de um rumor (Morozov, 2011, p.17). Também João Labrincha relembra, neste sentido, como os restantes **meios de comunicação** continuam a ser **importantes**, pois estes possuem “profissionais que seguem um código de ética, acabando por filtrar informação e fontes fidedignas”, enquanto nas redes sociais existem vários problemas de “**filtragem do que é publicado ou não**”.

Diana Lucas afirma que no digital os indivíduos atribuem maior importância aos assuntos pessoais, de carácter mais íntimo, do que a assuntos cívicos e políticos, sendo que, muitas vezes, quando surgem estes conteúdos as pessoas não fazem qualquer tipo de intervenção. Já João Labrincha refere o facto dos indivíduos que demonstram maior interesse político nas redes sociais, seguindo páginas de cariz político, receberem maior quantidade de informação política no seu *feed*, do que aqueles que não o fazem. Essa intervenção, por parte dos indivíduos, varia de acordo com a sua **identidade virtual**, mais ou menos virada para questões políticas.

⁴ Anexo II – Entrevista de dia 14 de Outubro de 2014 ao co-fundador do Movimento “Geração à Rasca”.

2. Descrição Fílmica

Actores e Locais de Recolha de Imagem:

- **ISCSP** - gravação da entrevista a **Gonçalo Fonseca**;
- **Faculdade de Direito de Lisboa** – gravação da entrevista a **Diana Lucas**;
- **Skype** - entrevista a **João Labrincha**, gravada através de computador;
- **Rossio** - recolha de imagens da Manifestação do TTIP e gravação de entrevistas com **Ana Roque e Verónica Bech**.

Reportagem

Tempo: 00:00-00:45 seg.

Manifestação contra o TTIP, dia 11 de Outubro, no Rossio.

Manifestação divulgada nas redes sociais.

Tempo: 00:45-00:50 seg.

Esta sequência de imagens mostra que **Diana Lucas** costuma partilhar no Facebook conteúdos relacionados com política.

Tempo: 00:45 - 01:00 min.

Neste trecho audiovisual está explícito que **Gonçalo Fonseca** costuma partilhar no Facebook decisões políticas e opiniões pessoais sobre os mais variados assuntos.

Tempo: 01:00-01:15 min.

Diana Lucas refere que partilha conteúdos políticos no Facebook é importante para a existência de uma sociedade activa. Segundo esta, os jovens, hoje em dia, não ligam tanto à política como ligavam há uns anos atrás.

Este testemunho é importante pois interliga-se com o que os autores referiram.

Tempo: 01:15-01:43 min.

João Labrincha assume que utiliza regularmente o Facebook como forma de partilha de conteúdos de cariz político para dar a conhecer a sua perspectiva e as notícias que acompanha a todas as pessoas que o seguem nesta rede social.

O entrevistado releva como é importante partilhar com outros aquilo que pensa.

Tempo: 01:43-01:53 min.

Neste **trecho de vídeo, Diana Lucas** refere que quando publica conteúdos de carácter político no Facebook tem retorno positivo e negativo por parte dos restantes utilizadores da rede social.

Podemos verificar a ambiguidade que pode ser característica das redes sociais.

Tempo: 01:53-02:02 seg.

Entrevista a Gonçalo Fonseca que afirma que quando publica conteúdos políticos em grupos de política existe uma discussão aberta com bastantes comentários.

Tempo: 02:02-02:16 min.

Diana Lucas diz que as pessoas ligam mais a assuntos pessoais e de carácter íntimo e quando se fala de assuntos políticos não fazem qualquer tipo de intervenção.

Opinião sobre as preferências dos utilizadores.

Tempo: 02:16-02:46 min.

João Labrincha acredita que as redes sociais contribuem para o aumento da consciencialização política dos cidadãos e despertam para a politização.

Aponta aspectos positivos.

Tempo: 02:46-02:57 min.

Ana Roque e a Verónica Bech afirmam que participam em manifestações das quais tomam conhecimento através do Facebook e que os restantes meios de comunicação não dão espaço para a divulgação deste género de manifestações.

Relata a posição dos cidadãos em relação aos restantes meios de comunicação, tal como que as redes sociais não chegam só aos mais jovens.

Tempo: 02:57- 03:36 min.

João Labrincha conclui que o ciberactivismo é necessário mas que colocar apenas uns “gostos” em páginas de política não chega.

Argumento de que apenas as redes sociais não chegam para se ser activo politicamente.

Tempo: 03:36-03:57 min.

Manifestação contra o TTIP: narração.

Conclusão com interrogação sobre o que mais pode ser feito, se aquilo que até agora se fez não chega.

Conclusão

A Internet em nada parece alterar o que os indivíduos pensam sobre a política nem influenciar o seu comportamento político. Esta ideia é partilhada por Gonçalo⁵ Fonseca que entende que “não se vê um grande avanço na cultura política das pessoas por usarem o Facebook ou o Twitter”.

O que se verifica é que existe uma certa apatia por parte dos indivíduos para com as questões políticas. Os cidadãos funcionam ainda muito como meros “espectadores” dos acontecimentos políticos, não actuando activamente no seu decurso. Como Diana Lucas⁶ diz “criticam mas não arranjam soluções”. A verdade é que é preciso muito mais do que um mero *like* ou comentário *online* e mesmo em termos de *feedback* face à partilha de conteúdos políticos, este revela-se algo modesto. A estudante de Direito admite receber retorno de outros utilizadores,

⁵ Anexo IV – Entrevista de dia 22 de Outubro de 2014 ao estudante de engenharia Gonçalo Fonseca.

⁶ Anexo III - Entrevista de dia 28 de Outubro de 2014 à Estudante de Direito Diana Lucas.

quando partilha algo de cariz político, mas que não é tanto quanto gostaria. O activista João Labrincha⁷ vai mais longe e assegura que «o ciberactivismo é necessário e é uma parte da nossa participação cívica, mas ficarmo-nos apenas por colocar uns “gostos” numa página e acharmos por isso que já fizemos a nossa “boa-acção do dia” pode acrescentar um problema e não ser uma solução». Se bem que, segundo Morozov (2011, p.197), os efeitos reais do activismo digital são mais provavelmente sentidos a longo prazo do que no imediato.

Em suma, as redes sociais digitais consciencializam os cidadãos para os assuntos políticos: contribuem para um maior conhecimento político, para que se fale e discuta sobre política e para a forte adesão a eventos e movimentos políticos mas, no entanto, não conseguem, ainda, conduzir à acção efectiva dos indivíduos.

Bibliografia

Kushin, M.J., & Kitchener, K. (2009). Getting political on social network sites: Exploring online political discourse on Facebook. *First Monday*, 14(11).

McChesney, R. W. (2013). *Digital Disconnect: How Capitalism is Turning the Internet Against Democracy*. New York: The New Press.

Morozov, E. (2011). *The net delusion. The Dark Side of Internet Freedom*. New York: Public Affairs.

Papacharissi, Z. (ed.) (2010). *A Networked Self. Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*. London/New York: Routledge.

Pasquino, Gianfranco (2005). *Curso de Ciência Política*. Cascais: Principia.

⁷ Anexo II – Entrevista de dia 14 de Outubro de 2014 ao co-fundador do Movimento “Geração à Rasca”.

Webgrafia

Caldas, C. (2001). A cultura da convergência e a publicidade: uma viagem ao universo Ruffles faça-me um sabor. Confibecom. Disponível em: <http://confibercom.org/anais2011/pdf/403.pdf>. Consultado a 29 de Outubro de 2014.

Site da Marketest: <http://www.marketest.com/wap/>, consultado a 30 de Outubro de 2014.

Apêndices

APÊNDICE

Ficha Técnica

Contacto com as fontes: Ana Gonçalves, Ana Rita Inácio, Patrícia Mendes e Sofia Coelho;

Guião das entrevistas: Ana Gonçalves, Ana Rita Inácio, Patrícia Mendes e Sofia Coelho;

Recolha de imagens: Ana Gonçalves e Patrícia Mendes;

Edição de Vídeo: Ana Gonçalves e Patrícia Mendes;

Realização: Ana Gonçalves e Patrícia Mendes;

Repórter: Sofia Coelho;

Narração: Sofia Coelho;

Pesquisa: Ana Rita Inácio, Eliane Hadergjonaj e Sofia Coelho;

Memória descritiva: Ana Gonçalves, Ana Rita Inácio, Eliane Hadergjonaj, Patrícia Mendes e Sofia Coelho

APÊNDICE

Entrevista a João Labrincha

Activista política e um dos fundadores da “Geração à Rasca”

- 1. Em primeiro lugar, gostaria que nos falasse um pouco de como surgiu o conjunto de manifestações “Geração à Rasca”.**

Surgiu precisamente nas redes sociais, no Facebook, através de um evento criado no dia 5 de Fevereiro, isto depois de uma conversa presencial com alguns amigos. Mas realmente, no Facebook, ao criar o evento, percebi que a adesão, de um dia para o outro, foi gigante. De qualquer forma, foi fundamental essa conversa presencial para os convencer que era importante que avançássemos, precisamente porque não eramos só nós, os que estavam presentes nessa conversa, que tínhamos o problema da precaridade e a vontade de fazer alguma coisa, eram muitas mais pessoas. Às redes sociais juntou-se o complemento do contacto directo, através do contacto a outros colectivos, movimentos, grupos de artistas. Esses contactos foram efectuados, não só através das redes sociais, mas também através do contacto pessoal, que é o mais importante, e sem o qual nada seria possível. Ou seja, redes sociais foram utilizadas como ferramenta, mas o contacto pessoal e telefónico, o mais directo possível, foi como um pilar do relacionamento com as pessoas, os grupos.

- 2. Por tanto, considera que as redes sociais contribuíram substancialmente para o sucesso que depois veio a ter o movimento “Geração à Rasca”?**

Acho que teria sido impossível o protesto “Geração à Rasca” sem as redes sociais. Nós acabámos por chegar à imprensa com os *media mainstream*, mas antes já tínhamos um evento, a que tinham aderido muitas pessoas, e que estava a causar alguma agitação nas redes sociais, e se sem este teríamos chegado à comunicação social, e é normal que assim o seja. Para além disso, não teríamos chegado tão facilmente a outros grupos colectivos, que acabaram por se organizar.

3. E julga que, de alguma maneira, nos restantes meios de comunicação não há espaço para a participação política do indivíduo comum?

Acho que há cada vez menos. Tanto nas redes sociais como nos restantes *media mainstream*. As redes sociais funcionam, neste momento, a um ritmo diferente, é mais difícil procriar determinado tipo de mensagens e, por outro lado, nos *media* convencionais, o que assistimos nos últimos anos foi a uma precarização cada vez maior dos seus trabalhadores, têm cada vez menos tempo, recebem cada vez menos, trabalham cada vez mais horas, por tanto o seu trabalho é cada vez menos eficiente. Para além disso, assistimos também a alguns casos de censura pura, o que, por um lado, afastou algumas pessoas que tinham uma voz dissonante daquela que é a voz do sistema e do *status quo* e que, por outro lado, amedrontou outras pessoas que ainda permanecem a trabalhar, por saberem que ainda lhes pode acontecer alguma coisa.

4. Então considera que as redes sociais acabam por colmatar a falha dos restantes meios de comunicação a esse respeito?

Sim, com todos os problemas que tem de filtragem do que é publicado ou não. Os meios de comunicação têm essa função que é insubstituível, com profissionais que seguem um código de ética, acabando por filtrar informação e fontes fidedignas, por tanto nunca será totalmente substituível, mas sim as redes sociais servem como complemento da própria comunicação social convencional, que as utiliza para gerar notícias.

5. Verificámos que utiliza regularmente o Facebook como forma de partilha de conteúdos de cariz político. Qual a razão que o leva a fazê-lo?

É a minha forma de dar a conhecer a minha perspectiva e as notícias que eu sigo, que me fazem ir acumulando perspectivas e formas de pensar e também de partilhá-lo com as pessoas que me estão próximas e que me deixam dar a conhecer o que eu penso. Mas a verdade é que, actualmente, seria muito difícil organizar o protesto “Geração à Rasca” pelo Facebook devido à forma como as mensagens se propagam. Automaticamente, o que acontece é que pessoas que acompanham

blogs e partilham coisas sobre política, se calhar vão receber no seu feed coisas sobre política, já pessoas que não o fazem dificilmente receberiam notificações ou informação no seu feed sobre estas questões, e foi assim que nós chegámos a pessoas que não estão directamente ligadas à política, por isso actualmente seria mais difícil fazê-lo, se não impossível.

6. Por tanto, acredita que as redes sociais acabam por contribuir para o aumento da consciencialização política dos cidadãos?

Acho que sim. Os blogs, o Twitter e o próprio Facebook continuam a fazê-lo. Mas existe outro problema, que é o facto das pessoas ficarem, de alguma maneira, aliviadas por postarem qualquer coisa activista. O ciberactivismo é necessário e é uma parte da nossa participação cívica, mas ficarmo-nos apenas por colocar uns “gostos” numa página e acharmos por isso que já fizemos a nossa “boa-acção do dia”, pode acrescentar um problema e não ser uma solução, porque depois as pessoas não se mexem para fazer outras coisas que poderiam ser muito mais eficazes porque consideram que já fizeram o suficiente ao colocar um “gosto” numa página de activismo. Mas sim, ao mesmo tempo, acho que contribui para que cada vez mais pessoas (...) as redes sociais estão a ser utilizadas por pessoas de todas as idades para se politizarem (...). Para além disso, engloba uma outra motivação muito positiva, que aqui em Lisboa, no Porto, nas grandes cidades, não sentimos tanto, mas que no interior e em sítios mais isolados será mais visível, que é o facto das pessoas que têm uma visão da política mais distante dos partidos, por exemplo, de partidos de casta ou que são mais votados normalmente ou ultimamente, essas pessoas que têm uma visão um bocadinho diferente, normalmente sentiam-se muito isoladas, em determinados locais do país, e com as redes sociais puderam perceber que existem centenas ou milhões de pessoas pelo Mundo todo que partilham as suas causas, que não estão sozinhos nas suas guerras, e também é uma forma de dar força às pessoas para defenderem os seus ideais, para perceberem que existem outras pessoas (...) e que não estão sozinhas.

APÊNDICE

Entrevista a Diana Lucas

20 anos, estudante de Direito na Faculdade de Direito de Lisboa

1. Que tipo de conteúdos, relacionados com política, costumam partilhar nas redes sociais?

Conteúdos acima de tudo relacionados com a actualidade, notícias. Conteúdos partilhados com outras pessoas que eu partilho a seguir, acima de tudo conteúdos relacionados com a educação, a política...

2. Quais as razões que te levam a partilhar esses conteúdos?

Em primeiro lugar, porque gosto. Em segundo, porque acho que é importante termos uma sociedade activa, principalmente os jovens que não são activos publicamente. Os jovens hoje não ligam tanto à política como ligavam há uns anos atrás. Hoje criticam-na mas não arranjam soluções. E acho que é importante termos jovens mais activos na sociedade. Os jovens de hoje vão ser os adultos de amanhã, por isso acho que é importante que eles participem activamente. Eles vão ser os políticos daqui a 20, 30 anos.

3. Consideras que o facto de partilhares esses conteúdos, tal como outras pessoas também o fazem, contribui para uma sociedade mais activa politicamente? Ou, pelo menos, mais informada?

Exactamente! Sim. Obviamente que quanto mais partilhas e mais conteúdos houverem mais informadas estão as pessoas.

4. Quando partilhas algo de cariz político, costumam ter retorno de outros utilizadores, através de comentários, likes?

Tenho. Positivo e negativo. Por exemplo, como eu sou membro de uma juventude partidária, e partilho conteúdos relacionados com o meu partido, tenho retorno positivo por parte dos apoiantes do meu partido, mas também retorno negativo.

Tenho os dois tipos de retorno mas menos do que aquilo que eu acho que devia de ter porque acho que as pessoas ligam mais a assuntos pessoais e de carácter íntimo, partilham e comentam, e quando falamos de assuntos políticos põem-se à margem e não fazem qualquer tipo de intervenção.

5. Costumas participar em manifestações? Se sim, quais?

Sim. A última em que participei foi a manifestação do ensino superior. Tive conhecimento desta manifestação através do facebook.

6. Consideras que os restantes meios de comunicação (imprensa, rádio, televisão) há espaço para a participação política dos cidadãos?

Não, sinceramente não. Acho que o facebook é óptimo, o indivíduo expõe-se muito mais facilmente. Acho que principalmente a televisão não dá espaço ao cidadão comum. A rádio penso que ainda dá espaço. Mas a televisão não dá o espaço que deveria ao indivíduo comum porque se centra muito na opinião de pessoas de renome na área. Apesar de alguns programas, que infelizmente são os menos vistos, darem algum espaço de abertura, como é o caso do programa “Opinião Pública” da SIC Notícias.

7. E achas que esses meios deveriam dar abertura para cidadão comum se expressar?

Sim, eu acho que sim, que deveriam dar muito mais abertura à participação do indivíduo comum. No fundo são 10 milhões de portugueses que não conseguem expressar-se mas querem falar. E depois em vez de falarem nos locais adequados falam no café...

8. Então as redes sociais acabam por colmatar essa falha?

Sim. Exactamente.

APÊNDICE

Entrevista a Gonçalo Fonseca

22 anos, estudante de Engenharia Mecânica no ISEL

1. Que tipo de conteúdos, relacionados com política, costumam partilhar nas redes sociais?

Decisões políticas. Por exemplo: a questão do aborto, penalização, legalização... Normalmente são sempre questões políticas e opiniões minhas relativamente a determinado assunto... nunca é nada partidário.

2. Quais as razões que te levam a partilhar esses conteúdos?

São as mesmas razões que me levam a discutir com amigos. A vantagem do Facebook é que é mais abrangente. Há pessoas com quem nós não falamos diariamente que talvez também tenham uma palavra a dar sobre o assunto.

3. Consideras que o facto de partilhares esses conteúdos, tal como outras pessoas também o fazem, contribui para uma sociedade mais activa politicamente? Ou, pelo menos, mais informada?

Não, a política não passa pelo Facebook. No Facebook não se fala cara-a-cara. Há pessoas que dizem coisas que não correspondem à verdade ou são falácias. A política é as pessoas estarem informadas... Toda a gente pode fazer comentários de política, que nem sempre são os mais verossímeis.

4. Quando partilhas algo de cariz político, costumam ter retorno de outros utilizadores, através de comentários, likes?

Depende do sítio onde eu comento. Se for em espaços de política há muita gente a comentar e aí há uma discussão muito aberta, se for no meu mural uns *likes*, uns comentários...

5. Costumas participar em manifestações? Se sim, quais?

Não tenho muito esse hábito. Já fui a uma manifestação contra as touradas, organizada pela Animal. Avisaram-me que havia um evento no Facebook em que estavam a organizar esta manifestação e eu acabei por ir.

6. Consideras que nos restantes meios de comunicação (imprensa, rádio, televisão) há espaço para a participação política dos cidadãos?

Não. Nem nas redes sociais, nem na televisão, nem na rádio. Temos um caso que é a “Opinião Pública” da SIC Notícias. As pessoas têm o direito de falar, têm liberdade de expressão, mas acabam por divergir no assunto. Não se vê um grande avanço na cultura política das pessoas por usarem o Facebook ou o Twitter, o que contribui é as pessoas estarem informadas.

7. As redes sociais colmatam essa falha?

Não, não, pelo contrário. Muitas vezes as pessoas vêem os títulos ou os *links* e não passa daí. As redes sociais não aprofundaram a informação como fazem a rádio e a televisão.

APÊNDICE

Autorização do Entrevistado João Labrincha

Eu, João André Cascais Labrincha declaro que autorizo a gravação, uso de imagem, voz, nome ou informação pessoal disponibilizada por mim (e apenas estes) para efeitos da acção pedagógica "Film and Classroom", coordenada pela Professora Doutora Sónia Pedro Sebastião e desenvolvida na disciplina de Teoria da Cultura, do 3º ano de Ciências da Comunicação, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade Técnica de Lisboa, através de uma entrevista via Skype, no dia 14 de Outubro de 2014.

As imagens recolhidas destinam-se a fins académicos e formativos, sendo divulgadas nos canais oficiais do ISCSP (website, playbyiscsp do youtube e canal "Film and Classroom" do sapo).

Compreendo que as imagens podem ser editadas, copiadas, exibidas, publicadas ou distribuídas e renuncio ao direito de inspeccionar ou aprovar o produto final em que minha imagem, voz e informações aparecem. Além disso, renuncio a quaisquer direitos de imagem ou outras compensações decorrentes ou relacionadas com o uso da minha imagem ou gravação.

Ao assinar este documento dou permissão a que as gravações fotográficas ou filmicas onde estou sejam exibidas electronicamente através da Internet ou no serviço público de educação.

Vou ser consultado sobre o uso das fotografias ou gravação de vídeo para qualquer outro fim que não os listados acima.

Não há limite de tempo para a validade desta autorização nem há qualquer limitação geográfica para a distribuição destes materiais.

Ao assinar esta autorização reconheço ter lido, compreendido e aceite completamente o estipulado. Pelo presente instrumento renuncio a qualquer reclamação contra qualquer pessoa ou organização, que utilize este material para fins educacionais.

Lisboa, 23 de Outubro de 2014



APÊNDICE

Autorização do Entrevistado Gonçalo Fonseca

 Instituto Superior
de Ciências Sociais e Políticas
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Autorização para gravação, uso de imagem, voz, nome ou informação pessoal disponibilizada pelo próprio

Declaro que autorizo a gravação, uso de imagem, voz, nome ou informação pessoal disponibilizada por mim (e apenas estes) para efeitos da acção pedagógica "Film and Classroom", coordenada pela Professora Doutora Sónia Pedro Sebastião e desenvolvida na disciplina de Teoria da Cultura, do 3º ano de Ciências da Comunicação, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade Técnica de Lisboa.

As imagens recolhidas destinam-se a fins académicos e formativos, sendo divulgadas nos canais oficiais do ISCSP (website, playbyiscsp do youtube e canal "Film and Classroom" do sapo).

Compreendo que as imagens podem ser editadas, copiadas, exibidas, publicadas ou distribuídas e renuncio ao direito de inspecionar ou aprovar o produto final em que minha imagem, voz e informações aparecem. Além disso, renuncio a quaisquer direitos de imagem ou outras compensações decorrentes ou relacionadas com o uso da minha imagem ou gravação.

Ao assinar este documento dou permissão a que as gravações fotográficas ou fílmicas onde estou sejam exibidas electronicamente através da Internet ou no serviço público de educação.

Vou ser consultado sobre o uso das fotografias ou gravação de vídeo para qualquer outro fim que não os listados acima.

Não há limite de tempo para a validade desta autorização nem há qualquer limitação geográfica para a distribuição destes materiais.

Ao assinar esta autorização reconheço ter lido, compreendido e aceite completamente o estipulado. Pelo presente instrumento renuncio a qualquer reclamação contra qualquer pessoa ou organização, que utilize este material para fins educacionais.

Data: 22 de Outubro

Assinatura legível: Gonçalo Fonseca

Assinatura legível (responsável legal para menores de 18 anos):

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Universidade de Lisboa) – Polo Universitário

APÊNDICE

Autorização da Entrevistada Diana Lucas

Autorização para gravação, uso de imagem, voz, nome ou informação pessoal disponibilizada pelo próprio

Declaro que autorizo a gravação, uso de imagem, voz, nome ou informação pessoal disponibilizada por mim (e apenas estes) para efeitos da acção pedagógica "Film and Classroom", coordenada pela Professora Doutora Sónia Pedro Sebastião e desenvolvida na disciplina de Teoria da Cultura, do 3º ano de Ciências da Comunicação, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade Técnica de Lisboa.

As imagens recolhidas destinam-se a fins académicos e formativos, sendo divulgadas nos canais oficiais do ISCSP (website, playbyiscsp do youtube e canal "Film and Classroom" do sapo).

Compreendo que as imagens podem ser editadas, copiadas, exibidas, publicadas ou distribuídas e renuncio ao direito de inspecionar ou aprovar o produto final em que minha imagem, voz e informações aparecem. Além disso, renuncio a quaisquer direitos de imagem ou outras compensações decorrentes ou relacionadas com o uso da minha imagem ou gravação.

Ao assinar este documento dou permissão a que as gravações fotográficas ou filmicas onde estou sejam exibidas electronicamente através da Internet ou no serviço público de educação.

Vou ser consultado sobre o uso das fotografias ou gravação de video para qualquer outro fim que não os listados acima.

Não há limite de tempo para a validade desta autorização nem há qualquer limitação geográfica para a distribuição destes materiais.

Ao assinar esta autorização reconheço ter lido, compreendido e aceite completamente o estipulado. Pelo presente instrumento renuncio a qualquer reclamação contra qualquer pessoa ou organização, que utilize este material para fins educacionais.


Data: 28.10.2014

Assinatura legível: Diana Lucas

Assinatura legível (responsável legal para menores de 18 anos):

APÊNDICE

Autorização da Entrevistada Ana Roque

 Instituto Superior
de Ciências Sociais e Políticas
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Autorização para gravação, uso de imagem, voz, nome ou informação pessoal disponibilizada pelo próprio

Declaro que autorizo a gravação, uso de imagem, voz, nome ou informação pessoal disponibilizada por mim (e apenas estes) para efeitos da acção pedagógica "Film and Classroom", coordenada pela Professora Doutora Sónia Pedro Sebastião e desenvolvida na disciplina de Teoria da Cultura, do 3º ano de Ciências da Comunicação, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade Técnica de Lisboa.

As imagens recolhidas destinam-se a fins académicos e formativos, sendo divulgadas nos canais oficiais do ISCSP (website, playbyiscsp do youtube e canal "Film and Classroom" do sapo).

Compreendo que as imagens podem ser editadas, copiadas, exibidas, publicadas ou distribuídas e renuncio ao direito de inspecionar ou aprovar o produto final em que minha imagem, voz e informações aparecem. Além disso, renuncio a quaisquer direitos de imagem ou outras compensações decorrentes ou relacionadas com o uso da minha imagem ou gravação.

Ao assinar este documento dou permissão a que as gravações fotográficas ou filmicas onde estou sejam exibidas electronicamente através da Internet ou no serviço público de educação.

Vou ser consultado sobre o uso das fotografias ou gravação de vídeo para qualquer outro fim que não os listados acima.

Não há limite de tempo para a validade desta autorização nem há qualquer limitação geográfica para a distribuição destes materiais.

Ao assinar esta autorização reconheço ter lido, compreendido e aceite completamente o estipulado. Pelo presente instrumento renuncio a qualquer reclamação contra qualquer pessoa ou organização, que utilize este material para fins educacionais.


Data: 11.10.2014

Assinatura legível: Ana Roque

Assinatura legível (responsável legal para menores de 18 anos):

APÊNDICE

Autorização da Entrevistada Verónica Bech

 Instituto Superior
de Ciências Sociais e Políticas
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Autorização para gravação, uso de imagem, voz, nome ou informação pessoal disponibilizada pelo próprio

Declaro que autorizo a gravação, uso de imagem, voz, nome ou informação pessoal disponibilizada por mim (e apenas estes) para efeitos da acção pedagógica "Film and Classroom", coordenada pela Professora Doutora Sónia Pedro Sebastião e desenvolvida na disciplina de Teoria da Cultura, do 3º ano de Ciências da Comunicação, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade Técnica de Lisboa.

As imagens recolhidas destinam-se a fins académicos e formativos, sendo divulgadas nos canais oficiais do ISCSP (website, playbyiscsp do youtube e canal "Film and Classroom" do sapo).

Compreendo que as imagens podem ser editadas, copiadas, exibidas, publicadas ou distribuídas e renuncio ao direito de inspecionar ou aprovar o produto final em que minha imagem, voz e informações aparecem. Além disso, renuncio a quaisquer direitos de imagem ou outras compensações decorrentes ou relacionadas com o uso da minha imagem ou gravação.

Ao assinar este documento dou permissão a que as gravações fotográficas ou filmicas onde estou sejam exibidas electronicamente através da Internet ou no serviço público de educação.

Vou ser consultado sobre o uso das fotografias ou gravação de vídeo para qualquer outro fim que não os listados acima.

Não há limite de tempo para a validade desta autorização nem há qualquer limitação geográfica para a distribuição destes materiais.

Ao assinar esta autorização reconheço ter lido, compreendido e aceite completamente o estipulado. Pelo presente instrumento renuncio a qualquer reclamação contra qualquer pessoa ou organização, que utilize este material para fins educacionais.

Data: 11.10.2014

Assinatura legível: Verónica Bech

Assinatura legível (responsável legal para menores de 18 anos):
